Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

PRESENTE MILIONÁRIO

Auditor: ação para desvio das joias foi intencional

Chefe da aduana em Guarulhos afirma que membros da gestão Bolsonaro conscientemente não declararam estojo para ex-primeira-dama

» VICENTE NUNES
Correspondente

Vicente Nunes/CB/D.A Press



De Marco admite que é impossível uma fiscalização 100% efetiva. Segundo ele, foi nesse vácuo que outros dois estojos de joias entraram no Brasil

Vila Nova de Gaia, Portugal — O auditor da Receita Federal Mario de Marco, que apreendeu as joias dadas pela realeza da Arábia Saudita à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, está convicto de que o esforço feito ao final do governo do ex-presidente para liberar o conjunto avaliado em R$ 16 milhões foi uma tentativa intencional de burlar o Fisco. Para ele, todos agiram de forma intencional, pois deveriam informar à Receita o que estavam carregando.

"Estamos falando de pessoas que conheciam as leis ou deveriam conhecer", frisa De Marco. Foi dada, inclusive, a oportunidade de que os responsáveis pelas joias entregassem a documentação legal, pagassem o imposto de importação e as multas por sonegação — que dariam em torno de R$ 12 milhões. Mas não houve interesse em regularizar as mercadorias.

Segundo o auditor, desde que passou a atuar na Alfândega do Aeroporto de Guarulhos — o maior do país —, em 2006, nunca viu um movimento tão pesado para liberar uma mercadoria apreendida pelos fiscais. A pressão partiu, sobretudo, do então secretário da Receita, Julio César Vieira Gomes, que atuava em nome do Palácio do Planalto.

"Foi tudo fora dos padrões quando se fala de decisões técnicas, mas o secretário acabou desistindo", afirma.

> **Estamos falando de pessoas que conheciam as leis ou deveriam conhecer"**
>
> ***Mario de Marco,*** *auditor da Receita, sobre a tentativa de resgate das joias que iriam para Michelle Bolsonaro*

De Marco lembra que os pedidos para a liberação das joias começaram logo depois que o estojo no qual estavam foi detectado no aparelho de raio-X, em outubro de 2021. O colar, os brincos, o relógio e o anel, todos cravejados de diamantes, estavam na bagagem de Marcos André dos Santos Soeiro, à época assessor do ministro de Minas de Energia, Bento Albuquerque — que interveio para liberar as mercadorias, mas sem sucesso. O fiscal insistiu que uma irregularidade havia sido cometida ao se tentar entrar com as joias no Brasil sem declará-las à Receita.

A pressão maior para a liberação das joias, contudo, ocorreu no último mês do governo de Bolsonaro. "O final da gestão passada foi um pouco acima (do normal). As coisas foram um pouco aceleradas, de buscas por soluções, consultas. Realmente, no tempo em que estou na Receita, foi uma novidade", diz.

Segundo De Marco, as joias estão, hoje, com a Polícia Federal (PF), que periciou as peças e cujo valor real será definido dentro do inquérito. A partir do encerramento da investigação, os bens devem retornar à Receita.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, terá a opção de requerer a incorporação das joias ao patrimônio da União. Caso essa solicitação não ocorra, o Fisco poderá levá-las a leilão.

"O papel da Receita é arrecadar recursos para o governo. Particularmente, acredito que a melhor opção seria destiná-las a um museu", afirma De Marco. Sobre o episódio, ele foi ouvido pela PF e está pronto para dar esclarecimentos ao Ministério Público.

Decisão do STF favorece aliciamento

Uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) facilita o aliciamento de mulheres pelas quadrilhas de traficantes internacionais de drogas. Como mães de filhos menores dependentes estão liberadas de cumprir penas de prisão em regime fechado, várias delas, em situação de extrema vulnerabilidade, acabam aceitando atuar como "mulas" para transportar cocaína e outras drogas para o exterior. O alerta é do auditor fiscal da Receita Federal Mario de Marco, chefe da aduana em um dos principais pontos de saída de drogas rumo ao exterior — o aeroporto de Guarulhos (SP).

A decisão do STF foi tomada em 2018 e ampliada em 2020. A Corte determinou, num primeiro momento, que mulheres grávidas e mães de menores de 12 anos pudessem ficar em prisão domiciliar. Depois, o benefício foi estendido a presos preventivos, também responsáveis por crianças ou pelos cuidados de pessoas com deficiência.

"Infelizmente, uma decisão que foi pensada para proteger menores está sendo utilizada pelo tráfico para aliciar mulheres. Ser 'mula' está dentro da regra para prisão domiciliar", afirma De Marco.

Ele destaca se tratar de um problema social gravíssimo. "Há dinheiro sujo envolvido e a violência decorrente é muito grande", frisa, ressaltando que as apreensões de drogas em Guarulhos têm aumentando assustadoramente ano após ano, com prisões frequentes de traficantes — vários deles mulheres.

O envolvimento feminino com o tráfico internacional de drogas se reflete em Portugal. Dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) apontam que, todos os dias, uma pessoa oriunda de voos saídos do Brasil é presa em aeroportos do país — a maioria mulheres. Não necessariamente todos os detidos são brasileiros. **(VN)**

Elogios dos lulistas e silêncio dos bolsonaristas

O auditor fiscal Mario de Marco reconhece que, logo depois de vir à tona a apreensão do conjunto de joias, ganhou uma fama que jamais almejou. Ele lembra que, apesar da grande polarização política, jamais foi hostilizado.

De um lado, os defensores do presidente Jair Bolsonaro se calaram sobre o assunto. De outro, os apoiadores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva só tiveram palavras de elogios.

"O Brasil passou por um momento político conturbado, de extremos. Mas o que aconteceu foi que, quem estava num extremo, me abordava efusivamente, e quem estava no outro extremo ignorava o assunto. A mim, só chegaram palavras boas, de reconhecimento pelo trabalho da Receita. Quem não se sentia representado, nem abordava o tema. Ninguém conseguiu atacar o ato em si", salienta.

Na avaliação de De Marco, não é papel da Receita se envolver em questões políticas ou pessoais. Trata-se de um órgão de Estado, de atuação técnica. Além disso, o Fisco não toma decisões açodadas. "Há um rito legal. (No caso das joias), tentaram não seguir esse rito", assegura.

De Marco reconhece que o trabalho da Receita não é perfeito, pois é impossível averiguar todos os que trafegam pelos terminais — e foi nesse vácuo que o Fisco não conseguiu autuar integrantes do governo Bolsonaro que entraram com outros dois estojos de joias sem declará-los. "É impossível averiguar 100% em qualquer lugar do mundo", explica. **(VN)**



ALEXANDRE GARCIA

O PROGRAMA ECONÔMICO É CLAUDICANTE. ESTA ÚLTIMA NOVELA DO CARRO POPULAR REVELA A REPRISE DO AGRADO ÀS MONTADORAS E MOSTRA COMO A ÁREA ECONÔMICA ESTÁ INSEGURA, INDECISA E É INCIPIENTE NO RAMO

Ícaro brasileiro

O presidente Lula quase ficou sem 17 ministérios. Não conseguiu tirar o Coaf do Banco Central nem extinguir a Funasa, nem dar o Cadastro Ambiental Rural e a Agência de Águas a Marina Silva, nem a demarcação de terras indígenas a Sônia Guajajara. Vetou duas mudanças e, com isso, se contrapôs à maioria do Congresso, que vai examinar o veto.

Pagou caro a aprovação por um triz da nova estrutura de governo: o recorde de R$ 1,7 bilhão em emendas liberadas no dia da votação. Se Lula ficou surpreso com esse resultado é porque anda afastado do país, voando demais. Na intimidade, culpa seus articuladores políticos, embora saibamos que Arthur Lira teve boas razões para avisar ao governo que o problema está mais acima.

Talvez seja difícil para o presidente entender que foi eleito pela metade dos eleitores. A outra metade é oposição. Na melhor das hipóteses para ele, o país está dividido ao meio. Lula não teve a vitória esmagadora que justifique sua postura vingativa.

Além disso, a eleição que renovou a Câmara mostrou que cerca de dois terços dos deputados vêm de partidos e votos de centro-direita. A renovação de um terço do Senado aumentou a bancada conservadora para mais de 60%. Resta ao governo apelar ao fisiologismo: liberou emendas e, agora, cogita dar ministérios a partidos que ainda não receberam.

Motivos para refazer o ministério não faltam. Ministros inexperientes não têm noção de como se relacionar com deputados e senadores. Mesmo os experientes ex-governadores, hoje no ministério, estão gerando desgastes ao governo, como o ministro da Justiça Flávio Dino e, agora, o da Casa Civil, Rui Costa, que, sem ser provocado, fez um discurso preconceituoso ofendendo Brasília e os brasilienses, levantando até os petistas da bancada do DF contra o ministro coordenador do governo.

Nunca se havia ouvido antes um governador chamar ministro de "um idiota completo", como disse Ibaneis Rocha ao **Correio Braziliense**, referindo-se a Costa. Ontem, o chefe da Casa Civil acompanhou o presidente em uma feira do agro, na Bahia, setor que Lula chamou de fascista. Vai ser difícil ser aceito pela área mais dinâmica da economia.

Não foi apenas a escolha do ministério inchado, mas também o espírito de revanche e desmanche. O teto de gastos, a privatizada Eletrobras, o marco do saneamento, a autonomia do BC estão entre as tentativas de desmonte e afastam de Lula os notáveis que assinaram a Carta pela Democracia que o apoiou.

E aparecem editoriais com forte crítica ao governo, em órgãos que apoiaram a candidatura do PT. O programa econômico é claudicante. Esta última novela do carro popular revela a reprise do agrado às montadoras e mostra como a área econômica está insegura, indecisa e é incipiente no ramo.

O falado semi-presidencialismo é uma prática há mais de quatro anos e Lula não percebeu, assim como não percebeu as mudanças em duas décadas. Fica incomodado e voa para fora do país — até quer um avião maior —, afastando-se das dificuldades internas. Viagens que causam mais críticas que elogios, como essas geradas pela política externa de incensar o ditador Nicolás Maduro, em Brasília.

Dia 22 será a 11ª viagem internacional — uma por quinzena. O próximo destino é Paris para tratar de clima. Depois voa ao Papa Francisco. Na verdade, para tratar de clima, só voando para o sol, que é responsável pelo clima da terra. Ícaro tentou isso, sem saber que as asas podiam derreter.